

ENTRE LIVROS E LEITORES: A RESSIGNIFICAÇÃO DO LIVRO NA CONTEMPORANEIDADE

Maria Célia Azevedo Lopes ¹
Ernani Mügge ²

Resumo: O livro é um objeto historicamente situado em um contexto social, o qual lhe atribui valor. Ele já simbolizou poder e status, já traduziu lustro social, já foi um raro tesouro e, hoje, é um objeto usual de fácil acesso, sem, entretanto, abdicar de sua carga simbólica. Nos últimos tempos, apresenta-se, também, em formato digital, cuja aparição, decorrente dos avanços tecnológicos, colocou inclusive em dúvida a permanência do impresso. Entretanto, o tempo mostrou forte propensão à coexistência dos dois formatos, em especial, pelo fato de cada um deles apresentar funcionalidades que lhe são específicas. Este texto discute esse período de transição, a partir do posicionamento de que ocorreram modificações tanto no significado atribuído ao livro quanto nas práticas de leitura. O aporte teórico sustenta-se em estudos de Roger Chartier, Alberto Manguel, Lúcia Santaella e Martin Lyons. Entrevistas realizadas com um grupo de leitores, de diferentes idades, formações e funções servem de subsídio para clarificar o processo de ressignificação do livro na atualidade e a forma como é vista a coexistência das diferentes materialidades.

Palavras-chave: Livro impresso; Livro digital; Coexistência; Contemporaneidade.

1 INTRODUÇÃO

As transformações geradas pela era digital são uma realidade cada vez mais consolidada e onipresente no cotidiano de grande parte das sociedades contemporâneas. Nesse novo contexto, a tecnologia digital modifica esferas da vida diária dos indivíduos, sobretudo, as práticas culturais. Logo, antigos hábitos e produtos são transformados.

Nos últimos tempos, presencia-se a versão digital de novos produtos e vive-se um período de transição, de um mundo historicamente analógico para um mundo cada vez mais digital. Esse processo revolucionário, que atualmente ocorre com as mídias impressas – periódicos, jornais e livros – já aconteceu com o cinema, a fotografia e a música.

Em meio às transformações, o livro de papel, em seu tradicional formato, mantém-se em pleno uso. Observa-se que, diariamente, livros neste formato são comprados, emprestados e trocados, ou seja, circulam pelos vários espaços sociais e estão presentes em todas as esferas da vida cotidiana, configurando-se como obras literárias ou de cunho religioso, didático, legislativo ou, até mesmo, burocrático.

¹ Mestre em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale, graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e licenciada em História pela Universidade Luterana do Brasil. Bibliotecária e professora no Instituto Rio Branco. E-mail: mariaceliaazevedo@hotmail.com.

² Pós-doutorado em Cultura e Literatura pela Universidade Feevale, doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestre em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), graduado em Letras/Português-Alemão pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Pesquisador e professor permanente do Programa em Processos e Manifestações Culturais e do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Feevale. E-mail: ernani@feevale.br.



Os indivíduos ainda convivem com e entre livros, e tamanho é o apego das pessoas a esse objeto, que ele tem se mostrado um dos últimos representantes do mundo analógico que resiste às transformações, apesar das vantagens que sua versão digital apresenta. Isso não deixa de ser um fato curioso, que, entretanto, tem suas explicações. Para encontrá-las, torna-se importante voltar o olhar para o passado e verificar como e em que momentos ocorreram fenômenos semelhantes.

O formato do livro, mostra-nos a história, já sofreu várias alterações: sua origem remonta às tábuas de argila e, desde aí, até chegar aos *e-books*, passou pelos rolos de papiro e pergaminho, códices de papel manuscritos, impressos ou produzidos industrialmente em larga escala. As transformações se deram de acordo com o suporte e a disponibilidade técnica de cada época, bem como para atender às necessidades e projetos das sociedades que os produziram. Logo, o livro é um objeto historicamente situado em um contexto social, que lhe atribui valor. Nesse percurso, ele já simbolizou poder e status, já traduziu lustro social, já foi um raro tesouro e, hoje, é um objeto usual de fácil acesso, mas que, como será visto, não abdicou de uma carga simbólica. Foi ela que talvez, entre outras razões, tenha sido importante para sua sobrevivência. É sabido que, após um período de dúvidas quanto à manutenção do formato impresso, cujo fim chegou a ser cogitado, hoje, consolida-se a coexistência desse formato e do digital, cada um com suas funcionalidades específicas.

Assim, considera-se de extrema relevância estudar este período de transição, pois modificações, tanto no significado atribuído ao livro, quanto nas práticas de leitura estão em curso, gerando impacto sociocultural.

Servem de aporte teórico estudos de Roger Chartier, os quais permitem acompanhar a trajetória e a transformação do objeto livro no curso da história. O autor apresenta, como ponto de partida de sua análise, a esfera material. Para ele, “não há texto fora do suporte que o dá a ler (ou a ouvir). Não existe compreensão de um texto, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele atinge seu leitor” (CHARTIER, 1998, p. 17).

Além de Chartier, contribui, também, para o presente estudo, o historiador Martin Lyons, que narra a trajetória do livro nas diferentes épocas históricas, desde as tabuletas sumérias aos contemporâneos *e-books*. O autor ressalta que “durante dois milênios a humanidade usou o livro, na forma manuscrita ou impressa, para registrar, administrar, venerar e educar” (LYONS, 2011, p. 7).

Em Alberto Manguel, busca-se subsídios para compreender como a leitura é afetada pelas transformações do objeto, decorrentes dos anseios dos leitores. O autor defende que o livro, como objeto, transformou-se, ao largo do tempo, em consonância com as necessidades dos leitores: “desde os primórdios,

os leitores exigiram livros em formatos adaptados ao uso que pretendiam lhes dar” (MANGUEL, 1997, p. 149).

Além disso, há a contribuição teórica de Lúcia Santaella, para apresentar os perfis de leitor em diferentes períodos da história. Para a pesquisadora, existem quatro diferentes tipos de leitor: o leitor contemplativo, que se concentra na atividade interior e separa-se do ambiente circundante” (SANTAELLA, 2004, p. 22), de maneira que o ato de ler se torne “um gesto do olho” (SANTAELLA, 2004, p. 20); o leitor movente, que se insere no movimento das cidades industrializadas, nas quais recebe muitos estímulos; o leitor imersivo, que surge no século XXI e se insere na Era Digital; e, por fim, o leitor ubíquo, que se situa em condição de hipermobilidade, ou seja, “a mobilidade física acrescida dos aparatos móveis que dão acesso ao ciberespaço” (SANTAELLA, 2013, p. 15).

A pesquisa parte da questão de como se dá o processo de resignificação do livro em um contexto de coexistência das diferentes materialidades na contemporaneidade. A resolução desse problema é orientada pelo objetivo geral, que consiste em investigar a resignificação do livro na contemporaneidade a partir das práticas de leitura em livros físicos e digitais. Como desdobramento desse objetivo geral, são elencados os seguintes objetivos específicos: caracterizar o cenário cultural e tecnológico no qual se insere o estudo; analisar as representações acerca do livro em seus diferentes formatos e compreender as rupturas e permanências nas práticas de leitura em relação aos diferentes suportes.

A presente investigação tem abordagem qualitativa, cujo fenômeno investigado está em curso. Por essa razão, optou-se por realizar uma pesquisa exploratória, cujo procedimento foi a pesquisa de campo. Como instrumento de coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, técnica que combina perguntas fechadas e abertas. Assim, o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador.

O público escolhido foram leitores com idade entre 10 (dez) e 80 (oitenta) anos de idade. A escolha desse público amplo, que abrange várias gerações, teve o propósito de construir uma visão mais completa do fenômeno. Parte-se do princípio de que, ao dar “voz aos sujeitos”, tem-se acesso ao fenômeno em si, afinal, sua “fala” é representativa de um grupo e revela contextos sociais e culturais.³

As entrevistas foram gravadas, transcritas e geraram documentos de análise. Para análise das amostras, optou-se por categorizar as entrevistas em três eixos temáticos: 1) o significado atribuído ao livro em um contexto de novas tecnologias; 2) a coexistência dos diferentes suportes e formatos; 3) as

³ Optou-se por apresentar, através de citações diretas, trechos significativos que ilustram os posicionamentos e percepções dos sujeitos participantes em relação ao objeto de estudo do presente artigo. Os sujeitos serão mencionados através da denominação “entrevistado” em sequência numérica.

perspectivas de futuro do livro. Isso permitiu que se entendesse, a partir da explanação dos sujeitos, como se caracteriza, sob a perspectiva deles, o período de transição que se vivencia na atualidade, marcado pela coexistência do livro impresso e do livro digital.

2 A RESSIGNIFICAÇÃO DO LIVRO NA CONTEMPORANEIDADE

O título da obra do historiador Martin Lyons – *Livro, uma história viva* – faz menção a uma característica atribuída ao livro, a vivacidade, a qual se enreda em uma série de outras qualidades, associados a termos como vigor, força, resistência. São esses atributos que expressam e justificam a longevidade do livro, que, em seu formato de códice, cadernos de folhas dobradas costuradas sob uma capa, surgiu entre os séculos II e III (LYONS, 2011 p. 8) e até hoje encontra-se em pleno uso. Para Chartier, esse formato é revolucionário, posto que aprimora o acesso e a manipulação do texto. Lyons também se posiciona sobre o invento que perpassa séculos: “A invenção do códice foi uma das invenções mais significativas e duradouras na história do livro” (LYONS, 2011, p. 35).

Séculos se passaram desde seu surgimento, o objeto continua com a mesma funcionalidade, mas não esteve livre de muitas transformações, tanto em relação ao formato quanto à materialidade e ao processo de manufatura. Além disso, uma vez inserido no campo da cultura e da informação, também teve seu significado alterado. Um olhar sobre sua história permite afirmar que seu significado acompanha as mudanças dos contextos históricos em que se situa. Em algumas sociedades, os livros foram considerados miraculosos: a Bíblia, por exemplo, foi tida, no Ocidente, como um objeto com poderes mágicos e curativos (LYONS, 2011). Na Roma antiga, “os livros eram parte do mundo aristocrático com tempo livre – não eram objetos familiares para as massas romanas” (LYONS, 2011, p. 29). Nos mosteiros medievais, os beneditinos acorrentavam os livros valiosos nas salas de leitura, deixando-os sob os cuidados dos bibliotecários. Manuscritos por monges copistas, alguns volumes eram ricamente ilustrados e iluminados (LYONS, 2011). A invenção da imprensa por Gutenberg, no século XV, trouxe a possibilidade de impressão em larga escala, o que levaria o livro a perder “sua aura mágica”, [e a se tornar] “um objeto de consumo cotidiano, como o sabão e as batatas⁴” (LYONS, 2011, p. 8). Isso não significa, todavia, que ele perde valor simbólico, como será visto adiante.

⁴ A aura é um conceito apresentado por Walter Benjamin em *A obra de arte em sua reprodutibilidade técnica* (1985). Para o autor, a aura refere-se à unicidade e autenticidade do objeto. No caso do livro, até a invenção da imprensa, ele era um objeto aurático, produzido artesanalmente. Cada exemplar possuía um caráter único. Logo, com a reprodução em série, a partir de Gutemberg, e, principalmente, com a consolidação da Era Industrial, o livro tornou-se mercadoria de consumo; logo, perdeu sua “aura mágica”.



Na contemporaneidade, uma nova versão de livro entra em uso, o *e-book*. As alterações que ocorrem na passagem da versão tradicional para a nova não se restringem somente à conversão daquela para o formato digital, movimento que desmaterializa os volumes em papel, mas também alcançam seu significado. A justificativa para a alteração de sentido que se projeta no livro pode ser encontrada no fato de o processo de significação de um objeto ocorrer no interior de uma dinâmica cultural e em consonância com a sociedade, a qual está em constante processo de transformação. Isso permite afirmar que o advento da versão *e-book*, em uma sociedade marcada pela “cultura digital”, colabora para o surgimento de um novo significado para o livro.

Foi em busca da compreensão de como o livro se insere no atual contexto, de que modo as rupturas e permanências se estabelecem, que as entrevistas foram elaboradas, aplicadas e analisadas. O primeiro ponto de análise refere-se ao significado atribuído ao livro pelos sujeitos participantes. Neste item, observa-se, com muita frequência, nas respostas, a exaltação de uma série de características do livro, as quais lhe conferem destaque e importância, mesmo no atual contexto, de amplo acesso e utilização das mídias digitais.

O entrevistado 1 (45 anos), escritor e editor, argumentou que o livro é um objeto único: “Você não encontra um disco do ano de 1700, nem é possível ir em uma loja e pedir emprestado um forno micro-ondas, para devolvê-lo em dez dias”. Para ele, o objeto livro possui um perfil de consumo completamente diferente de qualquer outro, por suas características peculiares e, sobretudo, por se tratar de um recurso para construção de conhecimento: “um forno micro-ondas não te transforma, o livro sim”.

Outros entrevistados também destacaram características do objeto. Para a professora entrevistada 2 (51 anos), o livro é “a ligação que temos com a nossa cultura de forma mais física”; além disso, assinala ser um objeto que, além de proporcionar entretenimento, é formativo. “Minha biblioteca é uma espécie de memória auxiliar”, avalia o entrevistado 3 (48 anos). Já para a entrevistada 4 (29 anos), “o livro é a fonte de conhecimento primordial, que proporciona cultura e formação”.

A professora de Língua Portuguesa, entrevistada 5 (32 anos), quando questionada sobre a importância do livro no âmbito da cultura, respondeu: “Livro é sempre livro”. Fica implícito, nesta afirmativa, o posicionamento de que é desnecessário qualificar o objeto, elencar seus atributos, pois o valor atribuído ao termo “livro”, por si só, já o define.

Portanto, o livro, apesar de ter perdido a aura, mantém o “status” de produto cultural, cuja relevância é incontestável. É o que nos mostra o jornalista, entrevistado 6 (68 anos), em sua coluna publicada no jornal Zero Hora, cujo título, “Objeto poderoso”, faz uma referência ao livro. Para o jornalista, o livro, em seu formato tradicional, “não apenas resiste à parafernália eletrônica que o imita, como também começa a

recuperar terreno perdido, nos primeiros anos da revolução digital” (SOUZA, 2016, *online*). Por esse motivo, entre outros, percebe o livro como “o objeto mais poderoso do mundo”.

Ainda na entrevista, o entrevistado 6 esclareceu que, atualmente, apesar de o livro ter deixado de ser fonte prioritária de conhecimento, ainda mantém o status de referência, devido à credibilidade do texto impresso, o qual se contrapõe aos conteúdos divulgados e repassados no meio digital, muitas vezes sem compromisso com a veracidade e a autoria.

As características do livro apresentadas pelos entrevistados corroboram com o argumento de Lyons de que o livro é uma das “tecnologias mais úteis, versáteis e duradouras da história” (LYONS, 2011, p. 7). Igualmente dialogam com sua constatação de que, “durante dois milênios e meio, a humanidade usou o livro, na sua forma manuscrita ou impressa, para registrar, administrar, venerar e educar” (LYONS, 2011, p. 7).

Foi recorrente, também, nas entrevistas, menções à interferência da família na constituição da valorização do livro. Muitos entrevistados narraram situações vividas em família que tiveram papel fundamental na construção e fortalecimento de seu apreço pelo objeto, bem como pelo gosto da leitura. O entrevistado 7 (16 anos), por exemplo, estudante, reportou-se ao modo como seu pai diante do pedido de um livro: “Sempre que peço para comprar um livro, meu pai compra. Não se importa em gastar dinheiro com isso, pois sabe que é importante. Faz questão de que eu tenha livros.” Para o também estudante, entrevistado 8 (14 anos), a valorização do livro e da leitura vai depender do incentivo que vem de casa. A entrevistada 9 (16 anos), por sua vez, mencionou que pretende passar adiante a influência que recebeu do pai: “Eu leio livros em papel. Se um dia tiver filhos, passarei essa experiência para eles. Então, irão escolher”.⁵

Outro entrevistado, o professor aposentado e escritor, entrevistado 10 (71 anos), afirmou que seu apreço pelos livros vem de uma tradição familiar. Declarou que, desde a infância, convive com muitos volumes em casa. “Era o presente que recebia no aniversário e no Natal”, revelou, referindo-se ao livro. O entrevistado 10 informou, ainda, que também sempre incentivou os filhos e netos ao hábito da leitura. “Neste ano, como presente de Natal, darei uma sacola de livros a cada neto”, anunciou. Registre-se que, em sua biblioteca, o historiador guarda um livro muito especial, herança de seu avô, gesto que, por si só, já revela seu enorme apreço pelo objeto livro.

A investigação revela, portanto, que, mesmo em diferentes gerações, o livro, em função da influência familiar, mantém-se um objeto valorizado. O senso de distinção desse objeto é recebido e

⁵ A estudante faz referência à escolha de um livro em formato de papel ou na versão digital.

repassado geração após geração, de modo a perpetuar-se como tradição, mesmo entre jovens leitores, entusiastas das novas tecnologias. Trata-se, assim, de um objeto atemporal.

A valorização do livro, entretanto, não se reflete, na mesma proporção, na prática da leitura. Alguns dos entrevistados, entre os quais o professor de Literatura, entrevistado 11 (30 anos), chamam atenção para o fato de que valorizar e adquirir livros não pressupõe, necessariamente, apreço pela leitura:

O livro tem um certo reconhecimento como algo importante no universo da cultura, mas também é confundido com qualquer mercadoria. Então muitas vezes, é mais importante ter o livro, comprar, do que conhecer seu conteúdo. E é comum a gente ver dados de venda de livros muito maiores do que os lidos efetivamente. Insere-se nessa lógica de prestígio social, mas, como objeto do conhecimento, na prática é secundarizado.

A desvalorização apontada pelo entrevistado 11 foi evidenciada sobretudo nas declarações dos estudantes entrevistados que se situam na faixa etária de dez a vinte anos. Alguns observaram que, em meio a seu grupo de convivência, tanto familiar quanto escolar ou no círculo de amigos, poucos jovens leem livros. Ademais, apontam para uma diminuição da leitura de livros, patrocinada, em especial, pelo aparelho celular. “Meus amigos preferem ver vídeos, jogar ou ler *online*. Eu tenho minha estante de livros”, declara, o entrevistado 12, 12 anos; “na minha turma de 18 alunos, acho que apenas 5 são leitores”, constata a entrevistada 9, 16 anos.

Esse novo perfil de leitor apontado pelos entrevistados origina-se, consoante Santaella, em uma condição de ubiquidade, em que é possível se comunicar a qualquer hora e em qualquer lugar com aparelhos eletrônicos. Para a pesquisadora, a valorização do aparelho celular se dá pelo fato de ele convergir jogos, vídeos, fotos, músicas, textos e, ao mesmo tempo permitir que se mantenha “a comunicação ubíqua do usuário com seus contatos via SMS (*Short Message Service*) e chamadas” (SANTAELLA, 2013, p. 279). São atividades que requerem a utilização de habilidades mentais diferentes das exigidas pela leitura de um livro, que requer tempo, atenção e reflexão, características identificadas no leitor contemplativo e que não sintonizam com os tempos atuais, marcados pela pressa, pela velocidade, pelo imediatismo.

Outro fato que colabora com a análise proposta e aponta para uma desvalorização no uso efetivo do livro são os dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (4ª edição de 2015). O relatório informa que a opção leitura, como atividade realizada em tempo livre, encontra-se em 10º lugar, com 24% das citações. Em primeiro lugar, está a opção assistir televisão e, em segundo, usar a internet para acesso às redes sociais e ao *WhatsApp*.

Portanto, a realidade apontada por alguns leitores é confirmada pela pesquisa. Entretanto, a situação – precária – em relação à leitura não afeta o reconhecimento, pelo menos no discurso, do valor atribuído ao livro, como objeto cultural.

3 A COEXISTÊNCIA DE DIFERENTES FORMATOS E SUPORTES DE LIVRO

Por décadas, várias gerações contempladas nesta pesquisa utilizaram, quase que exclusivamente, livros impressos como fonte de informação. No entanto, hoje, esses atores sociais se deparam com um novo formato, o digital, que surgiu mediante a desmaterialização do antigo volume o que, por sua vez, implicou a necessidade de um equipamento para acessar o texto. Além disso, o novo formato também passou a exigir um novo comportamento do leitor diante do texto. Santaella chama a atenção para esse fato ao observar que ler um livro digital “coloca em ação mecanismos, ou melhor, habilidades de leitura muito distintas daquelas que são empregadas pelo leitor de um texto impresso como o livro” (SANTAELLA, 2004, p. 11).

Na pesquisa, os leitores entrevistados também foram desafiados a se posicionar em relação à preferência pelo formato de livro (físico ou digital). Constatou-se que, independentemente da geração, a preferência recai sobre livro físico. As justificativas são variadas: facilidade de seu manuseio, percepções cognitivas e afetivas vinculadas ao objeto, fetichismo, visão romantizada, cuja compra (ou empréstimo), leitura e manipulação fazem parte de um ritual.

Em relação ao *e-book*, constatou-se que os entrevistados reconhecem suas vantagens: facilidade de acesso ao conteúdo digital, visto que o texto é disponibilizado ao leitor rapidamente no equipamento eletrônico, mesmo em caso de compra; e a possibilidade de realizar downloads gratuitos, quando as obras estão disponíveis para tal.

Observou-se, também, que as pessoas que declararam utilizar o formato digital fazem-no por questões utilitárias. Diante das respostas sobre os dois formatos, é possível concluir que, para os entrevistados, embora eles veiculem o mesmo conteúdo intelectual, o texto, eles têm atributos e funcionalidades – diferentes – que devem ser valorizados.

A versão do livro impressa, todavia, é ainda a preferida dos leitores. Nos relatos, foi possível identificar apego ao objeto em sua forma tradicional, inclusive pelos jovens. “Eu tenho uma estante de livros, pego um, leio por duas semanas, geralmente e devolvo. Aí tem todo aquele processo de comprar outro. Quando tenho vontade de reler algum, sei que ele estará lá”, relatou o entrevistado 7 (16 anos). A entrevistada 9 (16 anos) também fez referência à valorização do objeto. A estudante relatou que sua primeira leitura em *e-book* foi *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, e que gostou tanto da narrativa que comprou o

impresso para guardar. “Eu gosto de ver eles na minha estante”, declarou. Santaella chama a atenção para esse tipo de relação do leitor com o livro: “O livro na estante, a imagem exposta à altura da mão e do olhar [...] É um leitor que contempla e medita, entre os sentidos, a visão reina soberana, complementada pelo sentido interior da imaginação. (SANTAELLA, 2004, p. 24).

A entrevistada 13, (15 anos) também segue na mesma direção. Apesar de sua preferência pelo livro digital, por conta da facilidade de acesso, afirmou que “tem algumas histórias tão queridas para mim que quero ter o livro físico. Nós acabamos associando nossa história preferida ao objeto”, constatou.

Outros atributos associados ao objeto físico foram apresentados pelos leitores. O entrevistado 11 (30 anos) relatou que, apesar de possuir o *e-reader Kindle*, prefere o livro impresso. “A preferência é porque a maioria dos livros que li na minha vida são impressos. Faz pouco tempo que tenho o *Kindle*. Leio tranquilo, mas ainda tenho preferência pelo impresso”. O entrevistado 11 revelou, também, que, para ele, uma diferença fundamental entre o impresso e o digital é a dimensionalidade. Com o livro físico em mãos, o tamanho é evidente, assim como a quantidade de páginas e, embora os dispositivos digitais tragam a informação (apresentam a porcentagem da leitura realizada), não é o mesmo que a noção de dimensão física que o leitor tem ao pegar o objeto.

Além disso, há a possibilidade de ver o quanto foi lido e o quanto falta para concluir a leitura do texto. Ele complementou: “Onde tu estás situado na leitura faz toda a diferença, sem falar na sensação de virar a última página”. As características apontadas pelo entrevistado 11 são exclusivas da materialidade do objeto tridimensional e, por mais que o texto seja o mesmo em ambos os formatos, a relação que se estabelece entre o leitor e a materialidade é exclusiva do formato físico. O entrevistado 11 revelou, ainda, não ter apego ao impresso, nem propensão a romantizar o objeto. Trata-se de um fator insuperável que o objeto possui: a possibilidade de confecção de alguns volumes com diagramação e estética diferenciada, um verdadeiro trabalho artístico, realizado especificamente para aquela edição. Essa possibilidade se perde no digital. “O texto do *Kindle*, por exemplo, não possui cor”, observou.

A dimensionalidade do livro impresso também foi contemplada no relato do jornalista, entrevistado 3 (48 anos), que revelou preferência pelo papel e traçou um paralelo entre ambos os formatos. “Somente no impresso vou ver a lombada, posso abandonar o livro em um banco de praça para outro leitor levá-lo. Como fazem tradicionalmente em Barcelona na Espanha, durante o dia 23 de abril, “dia de Sant Jordi” e Dia Mundial do Livro⁶. “Ninguém vai abandonar, no dia de Sant Jordi, um tablet na praça para outro leitor”, observa.

⁶ O dia 23 de abril é considerado o Dia Mundial do Livro. Em Barcelona, também se comemora o dia do padroeiro Sant Jordi (São Jorge). É tradição, na cidade, a venda de livros e rosas em barracas montadas. A rosa simboliza o sangue do dragão morto



O entrevistado reconheceu, ainda, que o *e-book* pode ser bom para algumas pessoas, mas afirmou enfaticamente seu posicionamento em relação ao objeto físico:

O livro é um objeto único. O *tablet*, onde acessarei o *e-book*, usarei para outras atividades. Pode até existir outro exemplar do mesmo livro, mas, quando se torna propriedade do leitor, eles se diferenciam por marcas, como autógrafos, *ex-libris*, marcações de caneta. Por isso, sempre será um objeto único. O *tablet* vai me trair. Em outro dia, lerei outro livro no aparelho. Por isso, não é único. Aceita qualquer arquivo de livro, e o volume em papel é ele em si. Essa é a minha realidade. Não gosto que as coisas tenham uma barreira, algo entre mim e o ato físico. O livro é o ato físico.

Em consonância com os argumentos favoráveis ao livro impresso, o entrevistado 6 (68 anos) declarou ser um leitor de volumes impressos. Confessa que, por ser cansativo, nunca leu um volume inteiro no formato digital, apenas textos e ensaios. Para ele, a vantagem efetiva do impresso “descontado o romantismo do tato, do cheiro do papel e a suposta vantagem analógica de não depender de energia elétrica, de bateria, é a vantagem de retornar com maior facilidade a trechos já lidos para fixação de informações”. Ademais, considera que a leitura no papel fixa melhor a informação no cérebro, além de exigir menos esforço visual.

O professor, entrevistado 10 (71 anos), por sua vez, também demonstrou predileção pelo livro físico. “Eu preciso ir a uma feira de livro e fico feliz toda vez que publico mais um livro. Com o digital, você não consegue caminhar por entre as estantes, ver os livros que estão ali, tirar um para ser lido.” O valor que o historiador atribui ao objeto, à sua materialidade, fica explícito quando, durante a entrevista, retira dois volumes raros das estantes onde guarda seu acervo. O primeiro, herança do avô, é uma obra escrita em alemão gótico, do teólogo Johan Arendt. “Ele está na minha estante por uma questão afetiva”, diz o entrevistado 10.

O segundo exemplar data do século XVIII (1737). É uma edição da Bíblia, traduzida por Lutero, e trazida, ao Brasil, pelos imigrantes alemães. O entrevistado 10 comenta as marcas deixadas pelos leitores no objeto: “Cada livro tem uma história, eu olho e interpreto”. No objeto, esclarece, fica impressa a passagem do tempo, implacável, que deteriora a materialidade, acelerada pela luz, umidade, traças, brocas ou cupins. Também estão impressas, nele, as marcas de sua trajetória, como folhas secas, por algum motivo ali deixadas.

O entrevistado 10 reconhece a facilidade de acesso à informação que o livro digital promove. Contudo, é enfático ao afirmar que, nele, perdem-se as marcas do tempo, a trajetória da obra, tão caras a

por São Jorge, do qual nasceu a flor, segundo o mito. Por isso, é tradição, neste dia, os homens presentear as mulheres com rosas, enquanto elas os presenteariam com livros. Além disso, é parte da tradição deixar livros abandonados pela cidade, para que as pessoas possam pegá-los para ler.



algumas pessoas, principalmente da geração em questão. Por fim, o professor aponta para os livros e declara: “Isso aqui faz parte da memória da humanidade”.

Sobre a experiência dos entrevistados com a leitura no formato digital, surgiram importantes declarações. Em geral, o *e-book* é considerado como mais uma opção de leitura, complementar ao livro físico, e não seu substituto. Além disso, na versão digital, pela desmaterialização do texto, os entrevistados percebem que a interação com o leitor se altera completamente.

Para a jornalista entrevistada 4 (29 anos), o formato digital torna-se interessante em algumas situações específicas:

Comecei a utilizar e-books porque quis ler um livro que não foi lançado no Brasil. A forma mais prática era baixar o *e-book*. Hoje, a maioria dos livros que leio são *e-book*, que encontro gratuitamente na Internet. Isso se deve tanto à questão econômica, já que o objeto geralmente custa muito caro, quanto de acesso, porque nem todas as obras que me interessam consigo encontrar com facilidade em uma livraria.

Além disso, para a jornalista, o *e-book* é prático, acessível e cumpre bem a função de proporcionar a leitura. Mas sua leitura não se compara à experiência de ler, manusear ou consultar um livro em papel. Ou seja, apesar do mesmo conteúdo que veiculam, os formatos promovem experiências bem diferentes. Isso, na opinião de Santaella, ocorre pelo fato de “diferentemente do leitor de livro, que tem diante de si um objeto manipulável, a tela sobre a qual o texto eletrônico é lido não é mais manuseada diretamente, imediatamente pelo leitor (2004, p. 32).

O entrevistado 14 (34 anos), jornalista e idealizador do site “Literatura RS”, também leitor declarado pelo impresso, fez, algumas considerações sobre o formato digital. Para ele, há alguns anos começou uma campanha para a popularização do *e-book* e dos dispositivos digitais, e muito se falou em substituição de um formato pelo outro. “A tentativa de popularizar o *e-book* vem muito mais das grandes corporações como a *Amazon*, *Google*, *Apple*, que tem interesse na tecnologia e no controle do mercado. Não tem nada a ver com o livro.”

O entrevistado 14 mencionou, ainda, que, de acordo com as estatísticas divulgadas, a venda de livros digitais estagnou, inclusive nos EUA, onde a comercialização desse formato havia crescido muito rápido, após uma empolgação inicial expressiva com o produto. Apesar disso, a venda de livros em formato tradicional continuou em alta, apesar da presença do *e-book*. Logo, para ele, uma questão em pauta é a seguinte: qual o papel do *e-book* no âmbito da leitura? Seu posicionamento converge para o dos demais entrevistados, que entendem que o formato digital é apropriado apenas para alguns gêneros, como obras de

referência, enciclopédias, dicionários. Por fim, o jornalista profetizou: “o fato é que não haverá substituição. O impresso continuará como o preferido do mercado e o *e-book* será um recurso utilizado em alguns casos.

Para a leitora, entrevistada 15 (63 anos), o *Kindle* é uma “ferramenta para viagem”. A entrevistada, apesar de revelar-se outra leitora com grande apego ao impresso, utiliza o *Kindle* há 6 anos. De acordo com ela, o apego que tem ao livro físico é em função da idade, pois percebe que os filhos e o neto, também leitores, não possuem o mesmo sentimento pelo objeto. Revelou, ainda, a sensação que sente ao comprar um livro no formato digital: “Compro *e-books*, poucos, mas sempre com um pouco de dor. Eu penso: estou me traindo”. Além do apego, fica claro, nesta afirmativa, que há uma tradição livresca arraigada, que provoca, em alguns leitores, estranhamento ao utilizar o novo produto cultural. O depoimento da entrevistada 15 remete à afirmação de Chartier, “a história da leitura mostra fortemente que as mudanças na ordem das práticas costumam ser mais lentas que as revoluções das técnicas e que sempre estão defasadas em relação a estas” (CHARTIER, 2016, p. 63) Isso explica o sentimento nostálgico e o apego ao livro físico por parte de alguns entrevistados, mesmo sendo leitores de *e-book*.

Por fim, uma última questão foi levantada aos entrevistados, referente à preservação das informações registradas no meio digital. O entrevistado 10 (71 anos) revelou preocupação em relação a isso, com base em uma experiência pessoal. Relatou que se desfez de CDs e disquetes, uma vez que não era mais possível acessar o conteúdo que havia neles pela incompatibilidade das mídias com seu computador. Esse ponto alude ao fato de que o papel é tido, por especialistas, como a melhor mídia ou suporte para fins de preservação da informação. Ainda não se sabe, com certeza, o futuro do conteúdo digital em relação a seu acesso. A dúvida surge pelo fato de as mídias, nas quais as informações digitais estão registradas, serem frágeis, devido aos ciclos de obsolescência tecnológica, que aposentam formatos antigos e os substituem por novos.

O bibliófilo Umberto Eco, aposta no formato tradicional do livro, impresso em papel, ao exaltar a perenidade de acesso à informação ali registrada:

Desencavei para você em minha biblioteca esse livrinho impresso em latim, no fim do século XV em Paris. Se abrirmos este incunábulo, podemos ler na última página [...] Estas presentes horas para uso de Roma foram concluídas no vigésimo sétimo dia do mês de setembro do ano de mil quatrocentos e noventa oito por Jean Poitevin, livreiro, instalado em Paris, na rua Neuve – Notre - Dame [...] Portanto ainda somos capazes de ler um texto impresso há cinco séculos. Mas somos incapazes de ler, não podemos mais ver, um cassete eletrônico ou um CD- ROM com apenas poucos anos de idade. A menos que guardemos nossos velhos computadores em nossos porões (ECO, 2010, p. 13).

Está instalada, portanto, a dúvida em relação ao futuro do livro digital no que diz respeito à longevidade dos formatos e, por conseguinte, das possibilidades de acesso aos conteúdos neles instalados.

O caminho da convivência entre os dois formatos, entretanto, situa-se em um plano de relativa certeza, como será visto a seguir.

4 PERSPECTIVAS DE FUTURO

O grupo de entrevistados, em geral, apostou na continuidade da convivência dos dois formatos, sob o argumento de que, como ambos atendem a necessidades específicas, são imprescindíveis. Para a entrevistada 4 (29 anos), o digital provavelmente ocupará alguns espaços, mas não substituirá totalmente o livro impresso. “Principalmente os envolvidos com produção literária ainda estimam o impresso. Consideram o objeto como parte da arte da literatura”, pontuou a jornalista. Além disso, na opinião da jornalista, livros de autoajuda, de celebridades, bestsellers, séries, obras que se baseiam em filmes, cânones, entre outros exemplos de literatura com muito apelo comercial, funcionam mais na versão impressa, porque as pessoas desenvolvem um relacionamento com o objeto que carregam e, assim, sentem-se, de fato, leitores. Livros de arte, catálogos de museus, anuários de fotografia, obras de memória são outros exemplos de livros que precisam estar no papel, por fatores estéticos, afirmou.

O entrevistado 14 (34 anos), por sua vez, lembrou que, há alguns anos, houve expectativa sobre o que aconteceria como o livro, da mesma forma que se teve dúvidas em relação ao mercado da música, quando houve a transição do CD para o MP3 e demais formatos que circulam na Internet. “Mas não vai acontecer, tudo indica. Vão existir as duas coisas paralelamente, o *e-book* com um mercado muito menor que o livro impresso”, ponderou.

Já os professores, entrevistado 11 (30 anos) e entrevistada 5 encontram um potencial na literatura digital a ser explorado, visto que o livro digital se diferencia do e-book (conteúdo estático que simula o livro impresso) por promover a interatividade. Conforme os professores, esse é o ponto a ser explorado com o auxílio dos recursos oferecidos pelas novas tecnologias digitais e pela internet. Para o entrevistado 11, será um novo produto, que não disputará com o impresso, caso ofereça outros recursos: se isso acontecer, “um não competirá com o outro, como acontece com o rádio e a televisão, porque ambos fazem coisas diferentes; penso que esse é um caminho possível”, opina.

A entrevistada 5 complementou a opinião do colega: “o livro digital, hoje, na maioria das vezes, é apenas um similar ao impresso. Por esse motivo, ainda não ‘pegou’. Porém, há muito ainda para explorar e tornar a experiência de leitura prazerosa ao estimular os sentidos, falta o mercado apostar nesta proposta”, assevera.

Para a entrevistada 16 (52 anos), também professora, “o futuro não será muito diferente do que é hoje. A única diferença será o fato de mais pessoas terem acesso ao livro digital.” Para ela, o livro impresso não perdeu, nem perderá espaço, pois não se insere na Era digital, vive à parte. “Vive independente de qualquer avanço tecnológico. Apenas deu licença à tecnologia para acompanhá-lo”.

Por fim, o entrevistado 6 (68 anos) mencionou que não sabe “se estamos mesmo fechando o parêntese de Gutenberg, mas a tendência é que o livro, assim como os jornais impressos, perca a importância gradativamente até se transformar em objeto de culto de poucos”⁷. O posicionamento do entrevistado 6 refere-se, portanto, à realidade atual, na qual se observa que as pessoas possuem múltiplos perfis de leitura, leem em diferentes mídias e suportes, e não mais exclusivamente nos tradicionais, como os livros. “Não creio que desaparecerá, mas talvez se torne um *hobby* de grupos específicos”, concluiu o jornalista sobre um possível fim da hegemonia do livro impresso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro, como objeto cultural, percorreu um extraordinário caminho na história. De seu formato mais primitivo aos contemporâneos *e-books*, um longo processo de transformação do objeto ocorreu e continua em curso. Exemplares de tabuletas, rolos de papiro e pergaminho, códices de papel em suas diversas formas de confecção estão guardados em museus e bibliotecas do mundo inteiro e testemunham uma trajetória que pode ser traduzida na palavra progresso. Por isso, destaca-se a importância da história do livro para a compreensão do presente, pois o que está em curso, atualmente, é mais uma etapa do processo de transformação e ressignificação do objeto.

Em busca de compreender como se dá a inserção do livro em seus diferentes formatos na contemporaneidade, realizou-se a pesquisa empírica, na qual os sujeitos participantes, através de seus relatos, percepções e projeções para o futuro, auxiliaram a traçar um panorama sobre o livro hoje.

Em meio aos resultados da análise, um ponto merece destaque: a constatação da valorização do livro impresso em papel, que se impõe e resiste, pelo menos por enquanto. Sua presença é marcante, pois é a preferência quase unânime dos leitores, mesmo entre os que já leem *e-book*.

Atribui-se a essa hegemonia do impresso alguns fatores, como o costume arraigado da leitura neste formato (códice), praticamente idêntico há dois milênios. Para muitas gerações, ele foi a principal fonte de acesso a informações e entretenimento. A introdução do novo formato digital provocou estranhamento e,

⁷ A teoria do Parêntese de Gutenberg foi desenvolvida pelo professor dinamarquês Thomas Pettitt (2010), para quem a época da imprensa escrita é um parêntese na História, fechado no atual período, denominado pelo teórico de pós-imprensa.



até mesmo, rejeição por parte de muitos. É o medo do novo, do incerto e do abstrato frente à tradição, à confiança e fidedignidade que o formato antigo oferece. Neste caso, um ponto de conflito está no fato de que as transformações tecnológicas são mais rápidas que as modificações no comportamento, no hábito consolidado. Por isso, observou-se que o *e-book* é inserido lentamente nas práticas de leitura dos indivíduos.

Constatou-se, ainda, por meio das entrevistas, que a idade dos atores sociais é uma importante variável, sobretudo em relação ao perfil de leitura. Contudo, não é determinante. Observou-se que há pessoas de gerações passadas que migraram facilmente para o uso das novas tecnologias ofertadas, enquanto as novas gerações não necessariamente preferem o livro digital, apesar de sua familiaridade com o formato, uma vez que mantém, ainda, a valorização do livro físico e toda a interação que se obtém a partir do objeto.

Além disso, os depoimentos atestam que as relações que se estabelecem entre objeto e leitor não podem ser desvalorizadas. Aliadas à tradição, são o principal fator que mantém o livro impresso em uso, como um dos últimos produtos culturais representantes do mundo analógico. Isso ocorre pela atribuição de valores ao objeto, que vai além da sua funcionalidade e do conteúdo que veicula. Em praticamente todas as entrevistas analisadas, os sujeitos revelaram valorizar fatores de ordem cognitiva, perceptiva, afetiva e de memória que se ligam ao objeto. Por este motivo, confirma-se a ideia apresentada por Chartier sobre a importância da esfera material de um livro, que norteou a presente pesquisa.

Em suma, ressalta-se que a transformação analisada em relação ao livro hoje, que modifica o cenário cultural e informacional, perpassa a mudança de materialidade e, por consequência, a interação com o leitor. No entanto, ressalta-se que o período de transição vai além da questão que envolve o digital e o impresso. Há mudanças monumentais e de longo alcance em curso, que abrangem outras esferas do livro: o novo perfil do leitor, a qualidade da literatura oferecida, a crise no mercado editorial, o fechamento de livrarias, os índices de leitura, o encolhimento dos eventos literários e a falta de políticas públicas nesta área são fatores que demonstram outros pontos de transição em relação ao livro, que merecem atenção por parte da sociedade como um todo e seguramente serão objeto de estudos futuros.

REFERÊNCIAS

- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 1999.
- CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.



INSTITUTO PRÓ- LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. 4. ed. 2015. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf> . Acesso em 22 março 2020.

LYONS, Martin. **Livro: uma história viva**. São Paulo: Editora Senac, 2011.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

BETWEEN BOOKS AND READERS: THE RESIGNIFICATION OF BOOK IN CONTEMPORANEITY

Abstract: The book is an object historically situated in a social context, which gives it value. It has already symbolized power and status, it has already translated social luster, it was once a rare treasure and, today, it is a usual object of easy access, without, however, abdicating its symbolic burden. In recent times, it is also presented in digital format, whose appearance, due to technological advances, has even put in doubt the permanence of the print. However, time has shown a strong propensity for the coexistence of the two formats, in particular, due to the fact that each one of them presents features that are specific to it. This text discusses this transition period, based on the position that changes have occurred both in the meaning attributed to the book and in reading practices. The theoretical support is supported by studies by Roger Chartier, Alberto Manguel, Lúcia Santaella and Martin Lyons. Interviews with a group of readers, of different ages, backgrounds and functions, serve as a subsidy to clarify the process of re-signification of the book today and the way in which the different materialities coexist.

Keywords: Printed book; Digital book; Coexistence; Contemporaneity.